



VI Simpósio Nacional de **HISTÓRIA CULTURAL** Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

A REPRESENTAÇÃO DA IMAGEM COMO FONTE HISTÓRICA NOS ESTUDOS HISTORIOGRÁFICOS E NAS AULAS DE HISTÓRIA DO SÉCULO XXI

Chirlaine Gomes Da Silva Baptista*

1

Neste artigo procura-se tecer algumas considerações sobre a representação da imagem nos estudos historiográficos e em aulas de história nos ensinos fundamental e médio do século XXI. Depois, será abordada mais especificamente a imagem como nova fonte historiográfica, além de, também analisar as imagens como fonte histórica nos estudos historiográficos, dos conteúdos dos livros didáticos, adotados nas aulas de história.

A IMAGEM COMO REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA

Na América Portuguesa, antes da popularização e expansão da mineração já se inaugurava novas formas de viver e de se relacionarem entre si; a população dessa aumentou bruscamente, tanto por conta da imigração de muitos portugueses e milhares de escravos africanos, quanto pelo grande número de mestiços que nasciam (pardos, mulatos, caboclos), além de ex-escravos e seus descendentes, e até pode-se entender um

* Especialista em História (História do Brasil) na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru (chirlainegomes@bol.com.br).

pouco da peculiaridade dessa época levando até os dias atuais como somos. Tudo isso se deu para a criação de registros iconográficos produzidas nessa época.

Pesavento (2008) lembra que “as representações de mundo/época nem sempre se coloca literalmente a este mundo/época, onde é perceptível a realidade e relacionando, (...) com o intuito de que se faça perceber e explicar o real, ou seja, este conceito *representar*”, e como Pesavento (2008, p. 40) diz: “A representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele.” (HISTÓRIA E HISTÓRIA CULTURAL, 2008, p. 40).

A construção da iconografia vem sempre acompanhada do simbólico, pois este tem a capacidade de modificar ou até mesmo substituir a realidade, e na historiografia nunca foi recente creio eu até que, muito antes da colonização portuguesa no Brasil, já haviam vestígios de se mostrar as novas terras conquistadas, descobertas, terras estas que posteriormente foi chamada de América e ainda mesmo que o autor nunca tivesse aportado nas terras tupiniquins, mas os próprios relatos orais ou escritos já eram meios para a imaginação artística desses pintores, tanto brasileiros, como os estrangeiros, que levaram essa visão de Brasil ao mundo Europeu dos séculos XVI-XVII e seguintes, remetendo-se até na atualidade, dando-se a intender que realmente as imagens mostravam-lhe o “fiel da terra”, a exemplo disso tem a famosa carta de Caminha, de se registrar no achado (Brasil) de Cabral. E de acordo com Vieira (2009, p. 21):

“Evocando as imagens holandesas do século XVII de Frans Post, através de uma interpretação “realista”, tomando-as como testemunhas da formação da cultura brasileira enquanto paisagens tropicais, as elites pernambucanas estavam lutando simbolicamente para redefinir a geografia nacional e o próprio lugar de Pernambuco nesse novo quadro.”(IMAGENS FIÉIS DA TERRA, 2009, p. 21).

O diferente, o exótico, associado ao natural, como Paiva se refere ao mirabília, ou seja, o monstruoso em Imagem na História de Ramos, Patriota e Pesavento (2008), sempre esteve presente na mentalidade da Europa desde a época medieval com suas cruzadas, e esse universo do irreal, do imaginário, da representação esteve e ainda está muito ligado a imagem, sendo esta uma fotografia ou um vídeo no século XX e XXI, e nas telas aquareladas, óleo, louças e os adornos (joias), tapeçarias e tecidos, esculturas e até mesmo em mapas da época dos desbravamentos ao mar, onde mostram-se além das terras conquistadas, achadas, visitadas, pela perspectiva do viajante e da época em

questão, monstros mitológicos, referindo-os ao perigo, exótico, ao monstruoso e até mesmo o belo, como por exemplo o fato de se desenhar sereias em mapas antigos. A partir do rápido desenvolvimento da Holanda do século XVI na cartografia, construção naval e instrumento de navegação, a mesma começa a bater de igual pra igual com Portugal e Espanha na conquista de vários territórios.

A REPRESENTAÇÃO DAS IMAGENS NO ENSINO E AULAS DE HISTÓRIA

As imagens foram meios de se evidenciar o fato ocorrido em uma determinada época, e o uso dela era e é importante, até hoje, para se enfatizar mais esse determinado assunto, sendo atribuídas ao livro didático de História e até mesmo de Geografia e Português; a exemplo disso o quadro **Primeira Missa no Brasil**, em 1861, pelo artista plástico brasileiro Victor Meirelles, foi praticamente o primeiro na “invenção do Brasil”, como forma de criar uma identidade histórica para a jovem nação brasileira (que aqui continha nessa época), pós Independência de 1822, segundo Paiva (p. 92), invenção esta, por meio dos professores de História e Historiadores contemporâneos a isso até boa parte da segunda metade do século XX, onde afirmavam como imagens fieis de uma época, praticamente um retrato do que acontecera em 1500 com a chegada da nau de Pedro Álvares Cabral, ou seja, a inauguração, por assim dizer do Brasil. Segundo Bittencourt (2004, p. 353.): “Imagens diversas produzidas pela capacidade artística humana também nos informa sobre o passado das sociedades, sobre suas sensações, seu trabalho, suas paisagens, caminhos, cidades, guerras. Qualquer imagem é importante, e não apenas aquelas produzidas por artistas. Fotografias ou quadros registram as pessoas, seus rostos e vestuários e são marcas de uma história.”

No entanto, esta famosa tela, que entendo também como Paiva mesmo menciona no capítulo terceiro de seu livro, História & Imagens que: “Todos nós já vimos à reprodução dessa tela em algum lugar, pelo menos uma vez na vida.”, fora feita em meados do século XIX, porém, nesse imaginário coletivo, esta imagem nos refere à época citada, ou seja, contemporânea à chegada de Cabral em 1500 ao Brasil, dando-se a entender que ali havia, além de Pero Vaz de Caminha o responsável pela narração da terra descoberta, em sua célebre carta, também houvera um pintor onde retrataria, *in loco*, a cena da primeira missa em, segundo fontes, em 26 de Abril. Porém, esta seria

uma de inúmeras cenas vistas por nós ao longo de nossas vidas acadêmicas em nossos livros didáticos.

Em alguns livros didáticos como, por exemplo, o Projeto Araribá: história/organizadora do 8º ano, uma imagem da obra atribuída a Frans Post de 1641-1644, a *Vista do Maranhão* é mostrada apenas como fortalecedor de uma ideia, de caráter ambíguo, sendo que esta imagem, feita sob a América Holandesa, é citada para reforçar o sentido do texto em que se fala sobre a crise de economia portuguesa. A imagem é uma fonte, assim como a oral e escrita, porém essa está se remetendo a assuntos divergentes que apenas a posteriori tem-se um ponto em comum, ou seja, a “tomada” do Brasil pela Coroa Espanhola, com a crise da economia portuguesa e conseqüentemente logo depois desse fato surge a Invasão Holandesa.

A forma com que a imagem é representada no livro didático tem apenas a função de explicar ou enfatizar o assunto; contudo, ainda assim é colocada não só para enfatizar, mas também na criação de mitos, ou seja, essa ambigüidade. Paiva (2006, p. 19) lembra que:

“O uso da imagem, da iconografia e das representações gráficas pelo historiador vem propiciando a apresentação de trabalhos renovadores e, também, instigando novas reflexões metodológicas. (...) é importante sublinhar que a imagem não se esgota em si mesma. (...) Para o pesquisador a imagem é necessário ir além da dimensão mais visível ou mais explícita dela.”

Paiva (2002) faz análises sobre a construção imagética, nas iconografias do período colonial na vinda da comitiva de Maurício de Nassau por Post e Eckhout ao império por Debret, na concepção de sociedade brasileira; outros teóricos também agregam valor incontestável, como Ramos, Patriota e Pesavento (2008) – que analisam as imagens na história, como fontes também determinantes de pesquisa e interpretação.

Uma imagem a ser citada são a dos Bandeirantes *Domingos Jorge Velho e o Loco-tenente Antônio Fernandes Abreu*, onde a primeira imagem, por exemplo, de Benedito Calixto, 1903 mostra o bandeirante paulista Domingos Jorge Velho, com ar de imponência e poder, onde diversas pinturas como esta do século XIX e outras do início do século XX, representam sobre esses bandeirantes o título de heróis da nação, de coragem, bem armados e vestidos, capazes de abrir caminho ao avanço do território

brasileiro, sujeito a perigos, com traços puramente europeus, onde estes eram desbravadores de uma terra de selvagens hostis, exaltando-os até na nomenclatura monumental, avenidas e estradas de São Paulo, onde na verdade estes não correspondiam a essa idealização segundo relatos oficiais. Eram constituídos de portugueses e mestiços (miscigenados), se semblante cansados e muito magros por conta dos esforços em caminhadas em meio à floresta, com roupas pouco ou nada parecidas com a primeira figura, muito mais parecidas com a segunda figura, onde mostra estas pouco alinhadas e sujas, onde, também o uso de calçados era incomum e do ponto de vista da organização social, estes constituíam uma sociedade rústica sem pureza de raça, além de não esquecer que esses mesmos foram os responsáveis pela morte e cativeiro de populações indígenas e negras, exemplo disso à destruição do Quilombo de Palmares em 1695. Porém, há a existência de outra imagem também dos mesmos *Domingos Jorge Velho e o Loco-tenente Antônio Fernandes Abreu* em outra perspectiva, diferente do que é mostrado com grande orgulho, um bandeirante, em vez de puramente caucasiano, via-se um mameluco (mistura de português e índio), onde este usava tanto o arcabuz como o arco e flechas com perfeição, e como a maioria dos paulistas da época, falava mais tupi do que o português e mantinha um casamento com sete índias, reforçado na representação da segunda figura.

Outra imagem que cria mitos até hoje são as de Napoleão Bonaparte, onde, por exemplo, sobre o olhar de Jacques-Louis David, início do século XIX, a pintura *Napoleão sobre o cavalo na passagem de São Bernardo*, mostra um Napoleão de estatura alta, com vigor e força em seu semblante, e com seu olhar firma mostra-se coragem e confiança, em seu cavalo, onde até lembra uma figura mitológica de um deus grego, criando-se até a lenda dourada de general genial, sendo totalmente diferente da sua descrição original, de estatura média baixa, tirano e louco onde segundo o mito da lenda negra sob o olhar português de um usurpador medíocre.

CONCLUSÃO

As imagens como representações históricas são construídas através do olhar de quem analisa, colocando-se como fonte de reconstrução da vida pelos homens do passado. Esta assim como qualquer outro tipo de fonte deve ser analisada e explorada

com cautela, pois estas passam a ser tomadas como verdades *in loco*, porém esta vista pelo especialista e o leigo é reconstruída a cada época.

Os livros de Ensino Fundamental e Ensino Médio têm pontos em comum, um deles é a utilização da imagem, porém o livro didático do Ensino Fundamental possui mais imagens que o do Ensino Médio e estas apenas enfatizam a compreensão da fonte escrita.

Em aulas de História do Ensino Fundamental os documentos escritos são mais utilizados, apesar de haver um engajamento na introdução de fontes orais e iconográficas a mesma.

A imagem pode e deve ser usada como fonte histórica em uma aula de história em diversas maneiras, como exemplo para enfatizar uma época, um pensamento da mesma ou até mesmo a construção deste em dias atuais.

Uma Imagem pode se transformar em um tema aula, porém levando-se o cuidado de como mostrar a imagem ao educando, lembrando a este que nem sempre é um retrato fiel, mas apenas uma representação deste.

6

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de história: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção docência em formação. Série ensino fundamental).

FIGUEIREDO, Luciano. (org). Imagens de uma nação. Rio de Janeiro: Sabin, 2009. (Coleção de História no Bolso, n. 4).

RAMOS, Alcides F.; PATRIOTA, Rosangela; PESAVENTO, Sandra J. Imagens na história. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008. (Linguagem e Cultura - n. 41).

PAIVA, Eduardo França. História & imagens. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. (Coleção: História & Reflexões)

PESAVENTO, Sandra J. História & história cultural. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (Coleção: História & Reflexões).

VIEIRA, Daniel de Souza Leão. Imagens fiéis da terra: paisagem e regionalismo na recepção às obras de Frans Post pela cultura visual de Pernambuco. *In* Domínios da Imagem. Londrina, Ano II, n. 4, p. 19- 32, maio 2009.